

Ernest Hemingway

POR QUEM  
OS SINOS DOBRAM

*tradução de*  
Monteiro Lobato

LIVROS DO BRASIL

## CAPÍTULO I

Deitado de bruços, sobre a caruma do pinhal, com o queixo apoiado nos braços cruzados, ele ouvia o vento soprar entre a ramaria das árvores. A encosta da montanha, no ponto em que repousava, tinha pouco declive, mas mais abaixo tornava-se íngreme e ele via a curva negra da estrada alcatroada que seguia o desfiladeiro. Um rio corria ao longo da estrada e, muito mais abaixo, distinguia-se uma serração na margem da corrente e a cascata da represa, brilhando sob a luz estival.

— É aquela a serração? — perguntou.

— É.

— Não me lembrava.

— Foi construída depois da tua partida. A antiga fica mais adiante, muito abaixo do desfiladeiro.

O rapaz abriu o mapa, cópia fotográfica do mapa do Estado-Maior, e estudou-o cuidadosamente. O guia, um velho entroncado e sólido, vestindo a blusa preta dos camponeses, calças cinzentas e alparcatas de lona e corda, olhava por cima do ombro do seu companheiro. Estava ofegante da subida, com uma das mãos apoiada sobre um dos dois pesados sacos que tinham trazido.

— Então não se pode ver daqui a ponte...

— Não — disse o velho. — Aqui ainda o desfiladeiro é pouco íngreme e o rio corre suavemente. Mais adiante, quando a estrada se perde na floresta, o rio precipita-se e há uma garganta escarpada.

— Já estou a lembrar-me.

— A ponte corta essa garganta.

— E onde ficam os postos?

— Há um posto naquela serração.

O rapaz, que estava a estudar a zona, tirou os binóculos do bolso da sua desbotada camisa amarela, limpou as lentes com o lenço e focou-as até que a serração lhe surgiu muito nítida. Distinguiu o banco perto da porta, o grande monte de serrim atrás do barracão e um pedaço do plano inclinado por onde desciam os toros de madeira cortados do outro lado do rio. A torrente surgia clara e unida nas lentes e, longe, onde a cascata caía, o vento fazia voar a espuma do açude.

— Não há sentinela.

— Está a sair fumo da chaminé — disse o velho — e há roupa a secar.

— Sim, estou a ver, mas nada de sentinela.

— Naturalmente pôs-se à sombra — explicou o velho. — Lá em baixo a esta hora faz muito calor. Deve estar à sombra, do lado que não podemos ver.

— É possível. E o outro posto?

— Fica abaixo da ponte. É na cabana de um cantoneiro, a cinco quilómetros do alto do desfiladeiro.

— Quantos homens há lá? — e apontou a serração.

— Talvez quatro e um cabo.

— E no outro posto?

— Mais. Temos de verificar.

— E na ponte?

— Sempre dois, um em cada extremidade.

— Precisamos de munir alguns homens — disse o rapaz. — Quantos podes arranjar?

— Posso arranjar quantos queiras — disse o velho. — Há muitos homens agora nas montanhas.

— Quantos?

— Mais de cem. Divididos em pequenos bandos. De quantos vais precisar?

— Só o posso dizer depois de ter estudado a ponte.

— Vais estudá-la agora?

— Não. Agora quero arranjar um buraco onde possa esconder estes

explosivos até que chegue a ocasião. Quero escondê-los com segurança e a não mais de meia hora da ponte, se for possível.

— É fácil — disse o velho. — No sítio para onde vamos há uma descida para a ponte. Mas antes de lá chegar temos de roer uma grande subida. Tens fome?

— Sim — disse o rapaz. — Mas comerei mais tarde. Como te chamas? Esqueci-me. — Este esquecimento foi para ele um mau augúrio.

— Anselmo — disse o velho. — Chamo-me Anselmo e sou de Barco de Ávila. Vou ajudar-te a levar isso.

O rapaz, alto e magro, com os cabelos louros descoloridos pelo sol e um rosto queimado, vestia uma camisa de flanela desbotada, calças de camponês e alparcatas de corda; curvou-se para a frente, meteu um braço numa correia do saco e ergueu-o. Enfiou depois o outro braço pela outra correia e pôs o saco às costas. Ainda tinha a camisa molhada no sítio do saco.

— Pronto — disse o rapaz. — E agora, para onde vamos?

— Subir — respondeu o velho.

Dobrado sob o peso das cargas, suando, puseram-se os dois a galgar o resto da encosta, por dentro da mata de pinheiros que cobria o flanco da montanha. Não havia trilho visível, mas foram subindo, atravessaram um riacho e o velho continuou a ascensão seguindo a margem pedregosa. A subida era agora mais difícil até ao ponto em que a água caía sobre um ressalto liso da pedreira, e aí o velho parou à espera do rapaz.

— Como vai isso?

— Muito bem — respondeu o rapaz, suado e com os músculos crispados pelo esforço da subida.

— Bem. Agora espera-me aqui. Vou à frente para avisar os outros. Não seria divertido se apanhasses uma bala, com a carga que trazes em cima.

— Nem a brincar — disse o rapaz. — É longe?

— Muito perto. Como é que te chamas?

— Roberto — respondeu o rapaz, que se tinha libertado das correias do saco para o pousar docemente entre dois rochedos perto da corrente.

— Então, Roberto, espera-me aqui. Volto já.

— Perfeitamente — disse o rapaz. — Mas é por este caminho que pretendes alcançar a ponte?

— Não. Para a ponte iremos por outro caminho. Mais curto e mais fácil.

— Este material tem de ficar guardado perto da ponte.

— Tratarei disso. Se o lugar não te parecer bom, procuraremos outro.

— Veremos — respondeu o rapaz.

Sentou-se perto dos sacos e ficou a ver o velho galgar a encosta. Isto não era fácil e, pela maneira como ele encontrava os apoios sem os procurar, via-se que o caminho lhe era familiar. Contudo, fosse quem fosse que estivesse em cima, fora muito cuidadoso para não deixar rasto.

O rapaz, que se chamava Robert Jordan, estava faminto e inquieto. Muitas vezes padecera fome, mas não se incomodava, porque não dava importância ao que lhe pudesse acontecer e sabia, por experiência própria, quão fácil era mover-se atrás das linhas inimigas em toda aquela zona. Tão fácil mover-se atrás delas como atravessá-las, quando se dispõe de um bom guia. O difícil era saber agir quando se era apanhado; isso e saber escolher as pessoas em quem se podia confiar e saber depois entregar-se completamente às pessoas. Era tudo ou nada. Robert Jordan não se sentia incomodado por estes problemas, mas outros inquietavam-no naquele momento.

Anselmo revelara-se um bom guia e sabia andar maravilhosamente na montanha. Robert Jordan era bom marchador, mas reconhecia, depois de o ter acompanhado desde madrugada, que o velho o poderia matar de fadiga. Até aqui tinha tido confiança em Anselmo para tudo, exceto no que exigia discernimento; o discernir era missão sua. Não, Anselmo não o preocupava e o problema da ponte não era mais difícil do que muitos outros. Sabia destruir pontes de todos os tamanhos e feitios e tinha nos sacos explosivos suficientes para fazer voar a ponte da melhor maneira, mesmo se ela fosse duas vezes maior do que afirmava Anselmo, a avaliar pela recordação que lhe ficara de a ter atravessado a pé, em 1933, numa viagem a La Granja, e pela descrição que Golz lhe tinha lido na última noite passada naquela casa perto do Escorial.

— Estoirar esta ponte não é nada — dissera Golz, com a cabeça rapada e coberta de cicatrizes sob a luz da lâmpada, designando com o lápis um ponto na carta. — Entendeu?

— Sim, compreendo.

— Absolutamente nada. Só fazer a ponte voar não servirá para nada.

— Sim, camarada General.

— Mas fazer voar uma ponte à hora estabelecida para o ataque, isso sim. Isso é tudo, e é o que você tem de fazer.

Golz olhou para o lápis e pôs-se a bater com ele nos dentes.

Robert Jordan não tinha dito uma palavra.

— Compreenda que é essa a sua missão e como deve ser executada — continuou Golz, encarando-o. Bateu com o lápis no mapa e disse: — Mas não pode decidir isto senão no último instante.

— Porquê, camarada General?

— Porquê? — repetiu Golz, enervado. — Já assistiu a tantos ataques e ainda me pergunta porquê? Quem me garante que as minhas ordens não serão alteradas? Quem me garante que o ataque não será adiado ou alterado? Quem me garante que começará dentro das seis horas em que é suposto começar? Alguma vez se fez um ataque como devia ser?

— Este começará a tempo, pois será o seu ataque — disse Robert Jordan.

— Os ataques nunca são meus — respondera Golz. — Sou eu quem os prepara, mas nunca são meus. A artilharia não é minha. Tenho de aceitar o que me dão. Nunca me deram a necessária, mesmo quando ma podem fornecer. E ainda não é tudo. Você sabe como é esta gente. Não vale a pena estar a repetir tudo isto. Há sempre alguma coisa. E há alguém sempre que embaralha tudo. Procure compreender.

— Então quando deve ser destruída a ponte?

— Depois de iniciado o ataque. Logo que o ataque tiver começado e nunca antes. De modo que os reforços não possam chegar por esta estrada — e designava-a com o lápis. — Eu preciso de saber que nada poderá chegar por esta estrada.

— E quando é o ataque?

— Vou dizer-lhe. Mas você vai usar a data e a hora apenas como uma indicação de probabilidade. Deve estar preparado para essa ocasião. Você fará saltar a ponte logo que o ataque tiver começado. Está a ver — apontava com o lápis —, esta é a única estrada pela qual podem chegar reforços. É o único caminho que eles têm para a passagem dos tanques ou da artilharia, ou mesmo dum camião para a garganta onde vou atacar. Preciso de saber que a ponte saltou. E nunca antes, para não a poderem reparar se o ataque for retardado. Não. É preciso que salte quando o ataque começar, é preciso estar certo de que ela saltou. Há só duas sentinelas. O homem que o vai acompanhar veio de lá. Dizem que é um homem de muita confiança. Você julgará. Há homens nas montanhas. Peça quantos homens precisar. Empregue os menos possíveis, mas os suficientes para triunfar. Não tenho necessidade de lhe dizer tudo isto.

— E como posso saber que o ataque começou?

— Será feito por uma divisão completa. Haverá uma preparação aérea. Você é surdo?

— Devo admitir, então, que o ataque começou quando ouvir os aviões descarregarem.

— Não pense que é sempre assim — disse Golz abanando a cabeça.  
— Mas neste caso pode admitir. É o meu ataque.

— Compreendo — disse Robert Jordan. — Não me agrada muito isto.

— Nem a mim tão-pouco. Se não quiser tratar do caso, diga-o já. Se acha que não o pode realizar, diga-o também.

— Farei o trabalho — tinha dito Robert Jordan. — Pode contar comigo.

— É tudo quanto preciso saber — murmurou Golz. — Que nada passe por aquela ponte. Isso é absolutamente indispensável.

— Compreendo.

— Não gosto de pedir aos outros que façam este trabalho e desta maneira — continuou Golz. — Não posso dar-lhe ordem de o fazer. Compreendo muito bem a que coisas pode ser arrastado pelas condições que lhe imponho. Explico-lhe tudo minuciosamente para que você

compreenda bem as possíveis dificuldades e toda a importância da sua missão.

— E como avançará sobre La Granja se a ponte for pelos ares?

— Avançaremos já preparados para a reparar, depois de ocuparmos a garganta. É uma operação muito complicada e muito bonita. Bonita e complicada como todas. O plano foi estudado em Madrid. É ainda uma obra-prima de Vicente Rojo, esse desastrado professor. Vou atacar e, como sempre, sem forças suficientes. Apesar disso é uma operação realizável. Sinto-me agora muito mais satisfeito do que das outras vezes. Com a eliminação dessa ponte talvez tenha êxito. Podemos tomar Segóvia. Olhe, vou-lhe mostrar como. Está a ver? Não é no alto do desfiladeiro que atacaremos. É muito mais adiante. Veja. Aqui... Assim...

— Eu preferia não saber — confessou Robert Jordan.

— Está bem. É menos bagagem que levará consigo para o outro lado...

— Prefiro sempre não saber. Porque, aconteça o que acontecer, não fui eu quem falou.

— Sim, é preferível não saber — concordou Golz batendo com o lápis na testa. — Muitas vezes eu também preferiria não saber. Mas sabe o essencial a respeito da ponte?

— Sei.

— Acredito e não farei mais discursos. Vamos beber um trago. Tanto falatório faz-me sede, camarada Hordan. O seu nome em espanhol fica interessante, camarada Hordown.

— E como se diz Golz em espanhol, camarada General?

— Hotze — respondeu Golz, rindo com um som profundamente gutural que se assemelhava a um ataque de tosse. — Hotze — repetiu. — Se eu soubesse como em Espanha iriam estropiar o meu Golz, teria escolhido outro nome antes de vir. Quando penso que vim comandar uma divisão e que podia ter escolhido o nome que quisesse e arranjei este Hotze. General Hotze. Mas agora é tarde para mudar. Que tal lhe parece este trabalho de *partizan*? — era o termo russo para indicar a guerrilha atrás das linhas.



— Muito agradável — voltou Robert Jordan rindo. — Está-se ao ar livre e é muito saudável.

— Eu também gostava quando tinha a sua idade — declarou Golz. — Dizem que você é perito em fazer saltar pontes. Muito científico. É o que me dizem. Nunca o vi operar e podem ter-me informado mal. Quem sabe se realmente saltam? — Troçava. — Beba — disse, apresentando-lhe um copo de aguardente espanhola. — *É verdade* que saltam?

— Às vezes.

— Será bom não ficar na dúvida nesta ponte, peça-lhe. Basta. Não se fala mais de pontes. Já sabe o que é preciso saber. Estamos muito sérios e é por isso que podemos brincar. Diga-me: há muitas mulheres do outro lado das linhas?

— Não, não temos tempo de pensar em mulheres.

— Não concordo consigo. Quanto mais irregular é o serviço mais irregular é a vida. O seu serviço é muito irregular. E você precisa de cortar o cabelo.

— Está cortado como convém — respondeu Robert Jordan, que se sentiria infeliz com a cabeça rapada como a de Golz. — Tenho muito em que pensar para me poder ocupar com raparigas — disse, de mau humor. E acrescentou: — Que espécie de uniforme devo usar?

— Nenhum. O seu cabelo está bem. Estou a brincar. Somos muito diferentes — tinha acrescentado Golz, enchendo de novo os copos. — Você não pensa nunca em mulheres. Eu nunca penso em nada. Porque pensaria eu? Sou *Général Soviétique*. Não penso nunca. E não creia que conseguirá fazer-me pensar.

Alguém do seu Estado-Maior, sentado numa cadeira e debruçado sobre um mapa estendido num estirador, disse-lhe qualquer coisa na língua que Robert Jordan não entendia.

— Cale-se! — disse Golz em inglês. — Posso brincar se assim o entender. Por ser eu muito sério é que posso brincar. Agora beba mais isto e desapareça. Compreendeu?

— Sim — disse Robert Jordan. — Compreendi.

Apertaram as mãos e, fazendo a continência, o rapaz dirigira-se para

o carro militar onde o velho o esperava dormitando, e, naquele veículo, pela estrada de Guadarrama, com o velho a dormir sempre, subiram a estrada de Navacerrada até à cabana do Clube Alpino, onde Robert Jordan tinha dormido três horas antes de prosseguir viagem.

Foi a última vez que Robert Jordan viu Golz, com o seu estranho rosto branco que nenhum sol queimava, os seus olhos de falcão, o nariz grande, os lábios finos, a cabeça rapada e sulcada de cicatrizes. Na noite seguinte diante do Escorial, na estrada escura, longas filas de camiões absorveriam, na sombra, a infantaria; os homens pesadamente equipados subiriam para os camiões; as metralhadoras tomariam posição de vigilância; os tanques subiriam pelas calhas para os camiões de transporte; a Divisão pôr-se-ia em marcha, na noite, para o ataque ao desfiladeiro. Mas Robert Jordan não pensaria nisso. Isso não era com ele. Era com Golz. Ele só tinha uma coisa a fazer e só nela devia pensar, sem mais preocupações. Preocupar-se é tão mau como ter medo. Só serve para tornar as coisas mais difíceis.

Sentado à beira da torrente, via correr a água clara por entre as pedras e viu do outro lado um canteiro de agriões. Atravessou o riacho, colheu um punhado, lavou-o na água corrente e sentou-se ao lado do explosivo a entreter-se com aquela verdura de sabor picante. Depois, ajoelhado à beira da água, e tendo virado o cinto até que a pistola automática lhe bateu nos rins, para não a molhar, baixou-se, apoiado nas mãos, e bebeu. Água geladíssima.

Erguendo-se deu com o velho, que vinha a descer acompanhado de um homem que vestia também a blusa preta dos camponeses e calças cinzentas desbotadas, o que, nesta província, era quase um uniforme, calçado de alparcatas e trazendo a espingarda a tiracolo. Estava de cabeça descoberta e, como o velho, descia pelas pedras com a agilidade do cabrito-montês.

Aproximaram-se e Robert Jordan pôs-se de pé.

— *Salud*, camarada! — disse, sorrindo, ao homem da espingarda.

— *Salud!* — respondeu o outro num resmungo.

Robert Jordan ficou a observar aquele rosto sujo e de barba crescida. Cara redonda, numa cabeça redonda e enterrada nos ombros. Tinha os olhos pequenos e muito afastados um do outro, e as orelhas pequenas

e coladas ao crânio. Homem forte, mãos e pés grandes. Tinha uma quebradura no nariz e uma funda cicatriz no canto da boca, que lhe atravessava a maxila superior surgindo entre os tufos de barba que lhe cobriam o rosto.

O velho levantou a cabeça para o companheiro e sorriu.

— Este é o chefe aqui — e, mostrando o bíceps do homem, acrescentou em tom de semi-irónica admiração: — Um homem muito forte.

— Estou a ver — confirmou Robert Jordan sorrindo.

Não gostava do aspeto do homem e não tinha, interiormente, nenhuma vontade de sorrir.

— Tens alguma coisa que prove a tua identidade? — perguntou-lhe o homem.

Robert Jordan abriu o alfinete de segurança que lhe fechava o bolso esquerdo da camisa de flanela, tirou um papel dobrado e apresentou-o ao homem, que o abriu, olhando-o duvidosamente e virando-o entre os dedos.

«Não sabe ler», pensou Robert Jordan.

— Vê o selo — disse-lhe.

O velho apontou para o selo e o homem da espingarda examinou-o, apalpando-o com os dedos.

— Que selo é este?

— Nunca o viste?

— Não.

— Pois existem dois — disse Robert Jordan. — Um é o do SIM, Serviço de Informações Militares. O outro é o do Estado-Maior.

— Sim, já vi este selo. Mas aqui mando eu e mais ninguém. Que há nesses sacos?

— Dinamite — respondeu o velho com orgulho. — A noite passada atravessámos as linhas na escuridão e durante o dia inteiro carregámos a dinamite pela montanha acima.

— Sei lidar com dinamite — disse o homem da espingarda, devolvendo o papel a Robert Jordan, com um olhar de soslaio. — E tenho emprego para ela. Que quantidade me trazes?

— Não te trouxe dinamite nenhuma — respondeu Robert Jordan tranquilamente. — Esta dinamite tem outro fim. Como te chamas?

— E que tens tu com isso?

— Chama-se Pablo — informou o velho enquanto o homem da espingarda assumia um ar carrancudo.

— Ah! Ouvi dizer muito bem de ti — disse Robert Jordan.

— Que te disseram de mim? — perguntou Pablo.

— Disseram-me que eras um excelente chefe de guerrilha, leal à República e que o provas com atos, além de que és ao mesmo tempo honesto e valente. Trago-te cumprimentos do quartel-general.

— Onde é que ouviste tudo isso? — duvidou Pablo, e Robert Jordan percebeu que ele não dava qualquer importância aos elogios.

— Ouvi-o desde Buitrago ao Escorial — disse o rapaz, referindo-se a toda a zona do lado oposto das linhas.

— Não conheço ninguém no Buitrago, nem no Escorial — replicou Pablo.

— Há muita gente nova do outro lado da montanha. De onde és?

— Ávila. E que vais fazer com a dinamite?

— Rebentar uma ponte.

— Qual ponte?

— Isso é comigo.

— Se é no meu território é também comigo. Não podes fazer saltar pontes perto do lugar onde moro. Temos de viver num sítio e operar noutro. Eu sei do assunto. Quem ainda está vivo desde há um ano para cá é porque entende do assunto.

— A coisa corre por minha conta — disse Robert Jordan. — Temos de discutir o assunto. Queres ajudar-nos a carregar os sacos?

— Não — declarou Pablo sacudindo a cabeça.

O velho voltou-se para ele e falou-lhe energicamente num dialeto de que Robert Jordan pouco percebia. Parecia-lhe ouvir recitar Quevedo. Anselmo disse-lhe mais ou menos isto em castelhano antigo:

— És um bruto? Sim. És uma besta? Sim, muitas vezes. Tens miolos? nenhuns. Agora que viemos tratar de algo realmente importante é que tu

com o amor à lareira pões o teu buraco de raposa acima dos interesses do povo. Vamos. Eu isto e aquilo naquilo e naqueloutro do teu pai. Eu isto e aquilo no teu. *Pega já nesse saco.*

Pablo baixou a cabeça.

— Cada um deve fazer o que pode dentro dos limites do possível. Eu vivo nestas bandas e opero para além de Segóvia. Se tu vens para cá arranjar perturbações, seremos perseguidos e expulsos destas montanhas. É não agindo por estes lados que nos aguentamos aqui. Este é o princípio da raposa.

— Sim — disse Anselmo com amargura. — É o princípio da raposa quando estamos a precisar de um lobo.

— Eu sou mais lobo do que tu — disse Pablo; e Robert Jordan percebeu que ele iria levar o saco.

— *Hi. Ho...* — Anselmo olhou para ele. — Tu és mais lobo do que eu, mas eu já tenho sessenta e oito no lombo.

Cuspiu para o chão e abanou a cabeça.

— És assim tão velho? — inquiriu Robert Jordan sentindo chegar o momento de arranjar tudo pelo melhor.

— Sessenta e oito em julho.

— Se chegarmos a ver esse mês — disse Pablo. E voltando-se para Robert Jordan: — Eu ajudo-te a levar a carga. O velho leva o outro saco. — Falava agora sem azedume, quase com tristeza. — Apesar de velho ele tem muita força.

— Eu levo o saco — contrapôs Robert Jordan.

— Não — disse o velho. — Dá-o a esse homem, ele é forte.

— Eu levo-o — insistiu Pablo, cuja tristeza preocupava Robert Jordan.

Conhecia muito bem aquele sentimento e encontrá-lo ali naquele momento preocupava-o.

— Dá-me então a espingarda — pediu. E quando Pablo lha passou pô-la a tiracolo e avançou seguindo os dois homens que galgavam a encosta pedregosa com dificuldade, até que atingiram o cimo, rumo a uma aberta verdejante.